

PARTE
II

PRESSUPOSTOS
FUNDAMENTAIS
DO SERVIÇO
SOCIAL

exclusão daqueles cujos textos são de autores incluídos na seleção citada anteriormente. Finalmente, organizou-se um Mapa de Tabulação da bibliografia identificada, constando de: a) quadro dos livros de autores de Serviço Social de Grupo existentes, segundo as bibliotecas e editoras (Anexo I); b) quadro de frequência absoluta e relativa dos autores de Serviço Social de Grupo disponíveis nas bibliotecas e editoras (Anexo II); c) quadro dos periódicos contendo textos de Serviço Social de Grupo existentes no CBCISS (Anexo III).

A partir desses critérios, 18 autores foram selecionados para a análise, e se apresentam na ordem que segue, segundo o tipo de publicação (Quadro I).

QUADRO I

AUTORES E TEXTOS SELECIONADOS

AUTORES	LIVROS	%
Gisela Konopka	Serviço Social de Grupo, um processo de ajuda	90,90
Natalio Kisnerman	Serviço Social de Grupo: uma resposta ao nosso tempo	
Helen Northen	Serviço Social de Grupo	90,90
Zélia Torres	Grupos — Instrumento de Serviço Social	72,72
Alan Klein	Serviço Social através do processo de grupo	63,63
Gertrudes Wilson e Rayland	Prática do Serviço Social de Grupo: uso criador do Serviço Social	55,00
Saul Bernstein	Sondagens em Serviço Social de Grupo	54,54
Renée Dupont Oliveira ¹⁹	Servicio Social — el método decisivo en la realidad latino-americana	50,00
		18,18

19. Embora a autora Renée Oliveira Dupont tenha apresentado apenas uma frequência de 18, 18, 18%, incluímos o seu livro na análise por considerarmos importante a proposta apresentada, visto permitir contrariar a nossa hipótese de trabalho.

AUTORES	TEXTOS	PERIÓDICOS
Edeltrudes Guimarães	Serviço Social de Grupo	CBCISS n.º 13
Maria Lucia Petiz	Algumas colocações sobre Serviço Social e Desenvolvimento de Comunidade	CBCISS n.º 25
Edith Magalhães Motta	Diagnóstico e Intervenção a nível de prestação de serviços a grupos	CBCISS n.º 33
Marilena Diomedes	Abordagens de grupo e das técnicas de tratamento de Serviço Social de Grupo	CBCISS n.º 43
Emanuel Tropp Schwartz W.	Serviço Social de Grupo: três modelos metodológicos	CBCISS n.º 105
Charles Gravin e outros	Modelo Desenvolvimentista, Modelo Interacionista, Modelo Preventivo e Reabilitador	
Scott Briar	Roteiro de discussão de Serviço Social de Grupo	Debates Sociais n.º 4
Arlette Braga	Visão atualizada do Serviço Social de Grupo	Debates Sociais n.º 13

Uma vez procedida a seleção do material bibliográfico, realizamos o estudo dos textos acima referidos, com base no esquema de análise é formado pelos temas, itens e especificação que constitui a primeira parte desta dissertação. Este esquema de análise é formado pelos temas, itens e especificações.

A distribuição dos temas tratados, bem como dos itens e de suas respectivas posições são apresentadas no quadro a seguir:

QUADRO II
ESQUEMA DE ANÁLISE

TEMAS (Distribuição geral)	ITENS ou especificações	POSIÇÕES	TEMAS (Análise comparada)
I Unidade de Análise (s)	I.1	F. e N.F.	I
	I.2	F. e N.F.	
	I.3	F. e N.F.	
	I.4	F. e N.F.	
	I.5	F. e N.F.	
II Estado de Funcionamento Adequado (g)	II.1	F. e N.F.	II
	II.2	F. e N.F.	
III Elemento de Análise (i)	III.1	F. e N.F.	III
	III.2	F. e N.F.	
IV Função-Relação i/s	IV.1	F.	IV.2
	IV.2	F. e N.F.	
	IV.3	F.	
V Pré-Requisito Funcional	V.1	F. e N.F.	V
VI Condições Necessárias	VI.1	F.	—
VII Teleologia	VII.1	F.	—

F. = Posição funcional N.F. = Posição não-funcional

Como já referimos na introdução geral deste trabalho, cada item define posições distintas nos temas contendo indicadores funcionais e não-funcionais. Observe-se no quadro I que os temas IV.1 e 3, VI e VII não contêm a posição não-funcional uma vez que a natureza dos mesmos não permite a existência dessa posição, pois o seu conteúdo não é tratado na visão empírica ou histórico-estrutural. Por esta razão, dividimos o nosso estudo em dois aspectos:

- Análise global
- Análise comparada.

Por *análise global* entendemos o estudo da distribuição geral dos temas, e seus respectivos itens, os quais nos tornam possível identificar a presença dos pressupostos, funcionalistas ou não, nos autores de Serviço Social de Grupo. Inclui o total dos temas e das posições. Esse tipo de análise, com base na temática geral, permite ainda mostrar como os aspectos de método da análise funcional se distribuem entre os autores analisados e identificar as tendências mais acentuadas assumidas pelos mesmos. A seguir, o Quadro III nos mostra como estes aspectos da análise global foram identificados em nosso estudo:

QUADRO III
TEMÁTICA GERAL

TEMAS	LITERATURA CONSULTADA	%
I	719	19
II	674	17
III	203	5
IV	889	23
V	216	6
VI	384	10
VII	788	20
TOTAL	3.873	100

Com base nestes resultados, temos a visão global em termos quantitativos como os sete temas da análise se distribuem na formulação teórica dos dezoito autores analisados. Constatou-se que todos os temas estão presentes nas formulações de onze autores; que dois autores deixam de apresentar o tema III; cinco autores não apresentam o tema V; dois deixam de apresentar o tema VI e um deixa de apresentar o tema VII. Entretanto, neste estudo, a ausência de alguns dos temas delimitados em certos autores não é significativa na definição da perspectiva funcionalista do Serviço Social de Grupo, dada a frequência com que, em seu conjunto, os temas se distribuem na temática geral da análise.

Os resultados do Quadro III revelam uma constante nos autores: atribuir ao Serviço Social de Grupo a função de estabelecer relações positivas funcionais e de corrigir as disfunções, a preocupação com a obtenção de metas, e seu entendimento do grupo como sistema social que visa contribuir para o estado de funcionamento adequado do sistema maior do qual faz parte. Estes aspectos constituem o conteúdo dos quatro temas que aparecem na temática geral como de maior influência e que são respectivamente: tema I (Unidade de Análise — Sistema); tema II (Estado de Funcionamento Adequado); tema IV (Função — Relação i/s) e, finalmente, tema VII (Teleologia).

A razão de ser da predominância desses quatro temas é encontrada nos objetivos a que se propõe o Serviço Social de Grupo desde o seu início até as suas elaborações mais recentes. Historicamente, o Serviço Social surgiu como um movimento que é o produto de experiências recreativas e de educação social, realizadas em agências e centros comunitários, para atender aos problemas sociais surgidos como consequência da expansão industrial capitalista. O grupo era visto como “um meio de restaurar oportunidades de uma vida boa, retirada das pessoas pela marcha e pela desumanidade da industrialização pós guerra civil” (Schwartz, 1976, p. 21). Os autores analisados fazem referência aos fatores estruturais e históricos que deram origem ao Serviço Social de Grupo, bem como à sua função na solução dos problemas surgidos na época. Neste sentido, diz Gisela Konopka (1972, p. 12): “O Serviço Social de Grupo, como método do Serviço Social, é um conceito recente. Originariamente havia sido concebido como um movimento, um modo de ação democrática e como uma parte de diversos campos de atividades dos Serviços Sociais. Na dianteira desses serviços

encontram-se: a educação informal, serviços à juventude, recreação, ‘camping’, o movimento trabalhista, centros sociais e centros comunitários”.

Como expressam os autores estudados, o trabalho de grupo, desde sua origem, foi um movimento utilizado para atender aos sintomas ou às disfunções provocadas por uma estrutura social em mudança. A recreação, sobretudo a tendência a ocupar o tempo livre da classe operária que surgia com a sociedade industrial, bem como os movimentos de juventude com o objetivo de prevenir a delinquência juvenil são indicadores de que o Serviço Social de Grupo surgiu com a função de contribuir para a manutenção da continuidade estrutural, cujo equilíbrio estava ameaçado pelos problemas sociais ou disfunções surgidas. Esta função era atingida mediante os serviços preventivos, recreativos e de educação cívica, e implicitamente contribuíram para estabelecer a relação entre a parte (a população carente) e o todo, o sistema maior ou a sociedade à qual pertenciam.

Observa-se, portanto, que a pretensão do Serviço Social de Grupo era de atender aos efeitos e não de explicar esses efeitos a partir das disfunções existentes entre a parte e o todo, sua preocupação consistia em adaptar o homem ao meio em que vive.

Em consequência, à vista do que acabamos de expor, diz Renée Dupont (1969, p. 9): “em sua origem, a profissão era em verdade um movimento de reforma que tratou de eliminar ou mitigar os males derivados do funcionamento defeituoso do sistema social ou de algumas de suas partes, pois não aspirava a uma mudança de estruturas, já que responde à idéia de progresso dominante no século XX”.

Estas colocações encontram sua correspondência teórica no conteúdo dos quatro temas que assumem a maior frequência na análise, e que será demonstrado, detalhadamente, no quarto capítulo.

A *análise comparada* representa o estudo das posições funcional e não-funcional em cada tema e como estas posições aparecem, em cada autor, por tema. A posição não-funcional representa as formulações assumidas pelos autores na visão empírica ou na visão histórico-estrutural e a posição funcional é a que se define essencialmente por pressupostos da teoria funcionalista. Esse estudo nos permitiu identificar de forma objetiva

como estas duas posições aparecem no Serviço Social de Grupo, bem como identificar o grau de influência de cada uma nos autores analisados.

Como já referimos anteriormente, foram excluídos da análise comparada os temas IV.1 e IV.3, o tema V e o tema VII, por não apresentarem no seu conteúdo as alternativas não-funcionais. O resultado desta exclusão se faz notar de forma sensível no tema IV, que na análise global aparece como o de maior influência, com uma frequência de 23%, por ser o item 1 o que mais aparece no conjunto deste tema.

Fazendo pois a distinção entre as posições funcionais e não-funcionais dos temas incluídos na análise comparada, temos os seguintes resultados:

QUADRO IV

ANÁLISE COMPARADA DAS POSIÇÕES POR TEMA

POSIÇÃO	TEMAS					TOTAL
	I	II	III	IV	V	
	%	%	%	%	%	%
Funcional	691 96	666 99	203 100	55 100	216 100	1834 97
Não-Funcional	28 4	8 1	0 0	0 0	0 0	36 3
TOTAL	719 100	674 100	203 100	55 100	216 100	1870 100

Observamos, a partir deste quadro, que apenas os temas I — Unidade de Análise e II — Estado de Funcionamento Adequado são tratados pelos autores na perspectiva não-funcional. Entretanto, constatou-se na análise desses temas que, embora os autores façam referência à posição não-funcional, esta não tem significação no conjunto da análise em relação às indicações funcionais, tanto em termos quantitativos como em termos qualitativos, pois verifica-se no quadro IV a predominância da posição funcional nos cinco temas que constituem a análise comparada. Esses aspectos serão evidenciados na análise interna de cada tema que faremos no capítulo que segue.

CAPÍTULO III

ANÁLISE COMPARADA DOS PRESSUPOSTOS DO SERVIÇO SOCIAL DE GRUPO

Neste capítulo nosso objetivo é identificar como a posição funcional e a não-funcional aparece na formulação dos autores analisados. A análise interna dos temas nos permite situar de forma objetiva como essas posições aparecem no corpo de conhecimentos do Serviço Social de Grupo.

Procedemos inicialmente à análise interna do tema I (Quadro V), considerando ser o que aparece com maior frequência na posição não-funcional, e apresentamos os demais temas seguindo a sequência dos mesmos no Quadro IV.

3.1. UNIDADE DE ANÁLISE: ELEMENTOS ISOLADOS OU TODO DETERMINADO?

O conteúdo do tema I prevê, na posição não-funcional, que a unidade de análise pode ser considerada como dados empíricos, fatos, coisas, (não sistema), como elementos isolados ou como um todo determinado historicamente, sistema contraditório ou sistema autotransformado.

Entre estas posições, a que mais aparece como posição não-funcional é a unidade de análise considerada como elementos isolados. Em nenhum autor foi encontrada a unidade de análise vista como um todo determinado historicamente ou como um sistema contraditório ou autotransformado.

QUADRO V

ANALISE INTERNA DO TEMA I

POSIÇÃO POR TEMA E TIPO DE PUBLICAÇÃO

LIVROS											
AUTORES POSICÕES	N. K.	R. D.	A. K.	H. N.	G. K.	Z. T.	G. W.	S. B.	TOTAL		
	%	%	%	%	%	%	%	%			
FUNCIO- NAL	49 80	10 67	188 100	244 100	22 88	18 95	45 94	4 100	580	96	
NÃO FUN- CIONAL	12 20	5 33	— —	— —	3 12	1 5	3 6	— —	24	4	
TOTAL	61 100	15 100	188 100	244 100	25 100	19 100	48 100	4 100	604	100	

PERIÓDICOS											
AUTORES POSICÕES	E. T.	C. G.	W. S.	E. M.	L. P.	A. B.	D. A.	E. G.	M. D.	S. B.	TOTAL
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
FUNCIO- NAL	7 100	36 100	50 100	3 100	2 100	4 57	2 100	2 100	5 100	— —	111 97
NÃO FUN- CIONAL	— —	— —	— —	— —	— —	3 43	— —	— —	— —	1 100	43
TOTAL	7100	36 100	50 100	3 100	2 100	7 100	2 100	2 100	5 100	1 100	115 100

Na posição não-funcional, a Unidade de Análise (tema I) apresenta perspectivas semelhantes às encontradas no tema III — Elemento de Análise, no qual os autores são unânimes em situar o indivíduo como centro de interesse e a razão de ser do Grupo, no Serviço Social.

Vejamos pois o conteúdo das formulações dos autores no que se relaciona às posições não-funcionais assumidas no Tema I.

Natálio Kisnerman (1977), analisando a fase inicial do Serviço Social de Grupo, refere-se várias vezes à “tendência individualista com que era utilizado o Serviço Social de Grupo” e diz “nesta fase o método centra-se no indivíduo e não no grupo como um todo.” Admite ainda o autor que “desta forma, foi construída uma teoria partindo do nada, com base na experiência, na base do ensaio, prova e erro, cujos pontos centrais podem ser resumidos nos seguintes termos: a recreação era um fim; centrava-se no indivíduo; o Assistente Social era líder para o grupo; o programa era elaborado pelo Assistente Social, como representante de uma instituição” (1977, p. 20).

O autor citado também revela a sua tendência em situar o indivíduo como unidade de análise e lembra que o assistente social não deve esquecer que, embora atue em função do grupo, este se acha integrado por personalidades diferentes. O assistente social pretende que cada membro se auto-eduque enquanto aprende a servir-se do grupo e a servir a este e à comunidade. Para o autor, em uma sociedade democrática, o atributo essencial é a realização de todo potencial de cada indivíduo e a aplicação de sua responsabilidade social através da participação ativa na sociedade.

Para Gertrudes Wilson (1961, p. 24), “a função do Assistente Social junto aos grupos é auxiliar pessoas de acordo com as finalidades da obra onde se empregou. Os grupos são organizados para atender necessidades individuais.”

Em Gisela Konopka (1972), o grupo é o meio para se conseguir ajuda individual. Sua preocupação é o crescimento individual, através das experiências de grupo. “Tanto o Serviço de Grupo não especializado como o Serviço Social de Grupo psiquiátrico constituem um método do Serviço Social ou trabalho com pessoas em grupo.” A autora define o Ser-

viço de Grupo como "um método do Serviço Social que ajuda os indivíduos a melhorarem a sua atuação social através de objetivas experiências de grupo e a enfrentarem de modo mais eficaz os seus problemas pessoais, de grupo ou de comunidade". Nesta definição é evidente que a unidade a ser atingida pelo processo grupal é o indivíduo e não a estrutura social. Embora considere o grupo como uma totalidade interrelacionada, a preocupação não é com o produto desta interrelação mas com cada parte (elemento isolado) que constitui esta totalidade.

Estes aspectos são também evidentes no trabalho de Arlete Braga (1971) quando apresenta as tendências que marcaram a evolução do Serviço Social de Grupo. Considera a tendência tradicional a partir de 1940 e a tendência atual a partir de 1960. Diz a autora que, na tendência tradicional, o cliente era o grupo em si mesmo e, na atual, o cliente é a pessoa, membro do grupo. Antes, o objetivo era a atividade em si mesma e, na tendência atual, é o crescimento, o desenvolvimento e a promoção humana.

A função era recreativa — atividades sociais e educativas — na tendência tradicional e, na tendência atual, o Serviço Social de Grupo tem uma função terapêutica e promocional: prover, prevenir, restaurar e promover. Segundo Arlete Braga (1971, p. 27), o método, na tendência tradicional, era empirista e, na tendência atual, é dialético-especulativo.

Quanto a Renée Dupont (1969), é importante observar que, embora não chegue a definir o grupo como um todo determinado historicamente, assume uma perspectiva diferente dos demais autores ao mostrar a necessidade de se considerar o contexto histórico ou contexto total no qual o Serviço Social de Grupo vai atuar. Isto implica considerar metas próprias, teoria particular e princípios de procedimento eficazes da organização institucional e das características dos clientes, o que não significa perder de vista os princípios universais da profissão. Afirma ainda o autor que o grupo deve ser situado de acordo com as variedades culturais de diversos contextos históricos. "Estas variedades culturais é que determinam o tipo de Serviço Social de Grupo necessário e eficaz. Mesmo que o conhecimento básico ou funcional constitua nexo de união e acervo comum de todos os Assistentes Sociais do mundo, o particular ou relativo é próprio a cada lugar e situação

determinados, em constante evolução e avaliação" (Dupont, 1969, p. 40-7).

A inclusão de Renée Dupont na posição não-funcional foi determinada por esta sua preocupação em situar o grupo no contexto total, muito embora não elabore um modelo de Serviço Social de Grupo para intervir neste contexto.

Esta intervenção na realidade através do Serviço Social de Grupo é definida, como processo de conscientização dos membros do que chama de orientação para a mudança de mentalidade em relação à realidade na qual estão inseridos. A elaboração de Renée Dupont nesta perspectiva não é encontrada nos demais autores analisados, cujas propostas são dirigidas sobretudo para obtenção de metas individuais.

O que prevalece na análise comparada do Tema I é a posição funcional, a qual considera o grupo como um sistema social quer seja definido formalmente como sistema, sub-sistema ou totalidade interdependente, o que será melhor demonstrado no capítulo IV, quando tratarmos das perspectivas funcionais do Serviço Social de Grupo. No momento, é possível identificar nas citações dos autores que o grupo é o resultado das interrelações dos processos psicossociais cujo enfoque é essencialmente centrado numa perspectiva individual, psicológica.

3.2. MUDANÇA ESTRUTURAL E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

No item II, que trata do estado de funcionamento adequado do sistema, a análise, na posição não-funcional, prevê a mudança de estrutura ou mudança global e o conflito como uma contradição inerente ao sistema.

A análise interna desse tema nos permitiu constatar que embora alguns autores falem em mudança de estrutura, a proposta apresentada para o Serviço Social de Grupo nessa perspectiva é atribuída apenas à mudança de estruturas mentais e formação da consciência. Os autores afirmam claramente que não compete ao Serviço Social a função de transformação e consideram o aparecimento do conflito como uma resultante do processo grupal mas que não pode ameaçar o equilíbrio do

QUADRO VI

ANALISE INTERNA DO TEMA II

POSIÇÃO POR TEMA E TIPO DE PUBLICAÇÃO

LIVROS												
AUTORES POSIÇÕES	N. K.	R. D.	A. K.	H. N.	G. K.	Z. T.	G. W.	S. B.	TOTAL			
	%	%	%	%	%	%	%	%	%			
FUNCIO- NAL	74 99	60 92	124 100	134 100	93 100	30 100	42 100	20 91	577	99		
NÃO FUN- CIONAL	1 1	5 8	---	---	---	---	---	2 9	8	1		
TOTAL	75 10	65 100	124 100	134 100	93 100	30 100	42 100	22 100	585	100		

PERIÓDICOS												
AUTORES POSIÇÕES	E. T.	C. G.	W. S.	E. M.	L. P.	A. B.	D. A.	E. G.	M. D.	S. B.	TOTAL	
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	
FUNCIO- NAL	5 100	46 100	11 100	6 100	2 100	1 100	3 100	1 100	3 100	10 91	89	100
NÃO FUN- CIONAL	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---		
TOTAL	5 100	46 100	11 100	6 100	2 100	1 100	3 100	1 100	3 100	10 91	89	100

grupo nem dos membros do grupo. Quando isto acontece, o conflito deve ser conduzido e orientado. O quadro VI nos mostra em termos quantitativos como este tema é tratado pelos autores.

Observa-se que Natálio Kisnerman, Renée Dupont e Saul Bernstein aparecem na posição não-funcional embora a representatividade nesta posição em relação à posição funcional seja irrelevante.

Vejam os pois, na análise qualitativa, o conteúdo da formulação desses autores em relação às posições não-funcionais assumidas no item II.

Natálio Kisnerman (1977), que aparece com uma posição não-funcional, fala em mudança de estrutura quando se refere ao papel do assistente social na realidade latino-americana. Para o autor, o assistente social deve ser "o agente de conflito no sentido inovador de inserir criticamente o homem nessa realidade, libertar todo o seu potencial para que ele, artífice do seu próprio bem-estar, promova a mudança de estruturas" (Kisnerman, 1977, p. 191).

Dentro deste mesmo contexto, acrescenta o autor, a promoção não pode ser feita a partir da força, mas sim a partir de dentro do próprio homem e isto é que lhe permitirá participar com seus iguais no processo de desenvolvimento. Esse processo de desenvolvimento, porém, é para Kisnerman a "mudança de estruturas mentais em constante fluxo encaminhado para o crescimento global de uma população" (1977, p. 191). Esta mudança de estruturas mentais é feita a partir dos grupos de Ação Social existentes nos trabalhos de Desenvolvimento da Comunidade.

Observamos, nas explicitações efetuadas por Natálio Kisnerman sobre mudança, um certo grau de incoerência. Ao se referir à mudança ao nível individual e do grupo, utiliza-se de conceitos de funcionamento social, disfunções sociais, ajustamento social, que descrevem a sociedade sob a perspectiva consensual de equilíbrio harmônico. Considera ainda o grupo um sistema de papéis definido como um conjunto de indivíduos em situações de interdependência funcional e a interação como a força interna que regula a conduta dos membros.²⁰ Entre-

20. Ver capítulo IV, 4.1, deste trabalho — "Unidade Atuante do Serviço Social de Grupo".

tanto, quando se reporta à mudança de estrutura, vista conflitivo e de transformação social. Até que ponto o autor pode, ao mesmo tempo, adotar quadros de referência teóricos e metodológicos? Até que ponto o autor pode, ao mesmo tempo, adotar quadros de referência teóricos e metodológicos? Até que ponto o autor pode, ao mesmo tempo, adotar quadros de referência teóricos e metodológicos?

Para a autora, as mudanças estruturais necessárias não podem ser realizadas pelo Serviço Social, cujas técnicas se dirigem aos aspectos referentes às relações psicossociais do indivíduo e dos grupos e não dispõe de instrumentos de poder para tomar decisões políticas. O grande papel do Serviço Social, explica Dupont (1969, p. 108), é o de orientar a mudança de mentalidade.

A contribuição específica do Serviço Social de Grupos nestes planos de desenvolvimento seria pois “uma formação da consciência social dos indivíduos”, habilitando-os não “para aprender a estar com os outros, senão a compreendê-los e a

[illegible]

Esta mesma observação é feita por Enrique Di Carlo quando, na representação do livro da citada autora, diz que “estamos diante de um trabalho que assume vigorosamente, em vários lugares, a orientação humanista-reformista da profissão, e contra um tecnicismo puro, desorientado ou mal orientado, e contra o espírito egocêntrico, que existe nesta forma de educação e ação social.”²¹ Apesar disso, confessa ter desejado encontrar neste texto um enfoque mais prolixo e decidido das dificuldades que envolve a posição transformadora do Serviço Social no plano do desenvolvimento, com relação às tendências, forças e instituições em que o Serviço Social pode e deve apoiar-se em países como os nossos.

[illegible]

Os autores analisados neste tema consideram o conflito como inerente a todos os assuntos humanos e estando sempre presentes em grupos. "É um ingrediente importante no desenvolvimento e na mudança" (Northen, 1971, p. 53). Esta mudança é a mudança realizada dentro do próprio grupo e relacionada ao comportamento dos membros. Gisela Konopka (1972, p. 28) explica nos seguintes termos: "cada indivíduo no grupo se modifica constantemente através de sua interação com os demais. A maioria das pessoas sente uma sã ambivalência com relação a isso. Deseja participar, mas ao mesmo tempo resiste à mudança e deseja manter a sua identidade, sem modificá-la. Esta luta do indivíduo ante o 'status quo' e a solução do Grupo".

Observa-se que, embora os autores coloquem o conflito como um acontecimento inerente à vida do grupo, apresentam igualmente formas de resolvê-los. Neste sentido, Saul Bernstein (1977, p. 105) explica que "o conflito em si não é automaticamente benéfico. Na realidade, pode ser prejudicial, produzindo repressão e violência, porém, se for orientado cuidadosa e habilidosamente pode resultar numa mudança extraordinariamente construtiva. Daí que o importante no grupo é desenvolver a capacidade de lidar com o conflito de maneira mais amadurecida".

O conflito é visto pois pelos autores analisados como um processo resultante da interação grupal, mas deve ser conduzido, orientado para que o grupo encontre a melhor forma de

solucioná-lo, sem que lhe cause algum dano ou desintegração. Este aspecto é essencial à sobrevivência do grupo, segundo Gertrudes Wilson. A falta de condições ou a incapacidade de cooperação para lidar com os conflitos surgidos é sinal de fraca coesão grupal, falta de amadurecimento no espírito do grupo. Koppka (1972, p. 82) esclarece que *"um grupo em constante conflito, sem meios para solucioná-lo, está doente, não dando satisfação a seus membros, mantendo-os num estado de insegurança e hostilidade"*. E, para Helen Northern, é dentro do processo de tomada de decisão que se encontram os métodos de controle de conflito de que dispõe qualquer grupo.

Os métodos de socialização compreendem as seguintes possibilidades.

SUBJUGAÇÃO — através da qual os membros mais fortes eliminam ou a facção oposta.

ACORDO — quando os indivíduos conseguem ambas procuram ceder para salvaguardar a **ALIANÇA** — quando os subgrupos ou indivíduos manter sua independência mas se unem para alcançar uma meta comum.

uma meta comum.

INTEGRAÇÃO — quando o grupo consegue chegar a uma solução que é ao mesmo tempo satisfatória para cada membro.²²

Do exposto, observe-se que apenas a primeira possibilidade do item 2 foi identificada nos autores, isto é, o conflito como um desvio a ser corrigido. Cada um dos métodos de solucionar os conflitos, conforme apresentamos acima, visa corrigir, atenuar, resolver o conflito surgido e, segundo os autores, o assistente social tem um importante papel no sentido de conduzir e ajudar o grupo a encontrar uma melhor solução dentro dessas cinco possibilidades apresentadas. O conflito não é visto pois como uma contradição inerente e força propulsora para a transformação, ou como desigualdades dentro da

22. Sobre os métodos de solução do conflito, ver Konopka, p. 82; Helen Northern, p. 55; Saul Bernstein, p. 115; Gertrudes Wilson, p. 70-73.

estrutura social que se constituem em pressões para uma mudança do sistema.

A posição assumida pelos autores corresponde, assim, à perspectiva funcionalista, na qual o sistema deve funcionar com um grau mínimo de coerência interna, sem permitir conflitos persistentes que venham ameaçar esta coerência. Se a tendência do sistema é atingir o seu estado de equilíbrio, pela sua própria natureza não pode permitir que forças diversas, pressões, tensões, conflitos fiquem agindo sobre ou dentro do sistema. A preocupação dos autores em orientar, conduzir e apresentar formas de resolver o conflito corresponde a esta intenção de manter a unidade interna do sistema-grupo.

3.3. O GRUPO, PARTE DE UM SISTEMA FORMAL

O tema III, que trata do elemento de análise, prevê, em seu conteúdo, que este pode ser considerado como fenômeno isolado, como parte de um sistema formal a-histórico, como parte de uma estrutura histórica ou ainda como itens alternativos ou itens significativos. Nesse tema, o item é visto como parte de um todo. Como foi situado no Capítulo I, o item é uma atividade recorrente que pode ser funcional quando contribui para manter o equilíbrio desse todo ou disfuncional quando não cumpre esta função.

Na análise interna do tema III, observa-se em todos os autores a ausência da posição não-funcional considerando o item como parte de uma estrutura histórica. O aspecto quantitativo dessa nossa afirmação é demonstrado nos resultados do Quadro VII (p. 62).

A análise desse tema nos permitiu identificar que, entre os autores estudados, o elemento de análise no Serviço Social de Grupo situa-se como um fenômeno isolado quando visa apenas o indivíduo, a modificação do comportamento individual, sem considerar o contexto global. A ênfase dos autores porém centra-se no fato de considerarem esse elemento de análise (grupo) como parte de um sistema-forma, a-histórico.

A tendência para tratar o indivíduo desvinculado de sua realidade é explicada por Kisnerman (1977), quando diz que o Serviço Social procedeu do particular para o global — compreendendo os níveis individual, grupal-comunitário, enfatizando que o assistente social estuda o grupo dentro do próprio

QUADRO VII
ANÁLISE INTERNA DO TEMA III
POSIÇÃO POR TEMA E TIPO DE PUBLICAÇÃO

		LIVROS										
AUTORES POSICOES		N. K.	R. D.	A. K.	H. N.	G. K.	Z. T.	G. W.	S. B.	TOTAL		
		%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	
FUNCIO- NAL		52 100	9 100	8 100	23 100	26 100	14 100	27 100	7 100	168 100		
NÃO FUN- CIONAL		—	—	—	—	—	—	—	—	—		
TOTAL		52 100	9 100	8 100	23 100	26 100	14 100	27 100	7 100	168 100		

PERIÓDICOS													
AUTORES POSICOES	E. T.	C. G.	W. S.	E. M.	L. P.	A. B.	D. A.	E. G.	M. D.	S. B.	TOTAL		
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%			
FUNCIO- NAL	2 100	12 100	2 100	9 100	—	4 100	2 100	2 100	—	2 100	35 100		
NÃO FUN- CIONAL	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—			
TOTAL	2 100	12 100	2 100	9 100	—	4 100	2 100	2 100	—	2 100	35 100		

grupo. O autor atribui essa tendência ao fato dos antecedentes do Serviço Social de Grupo se acharem intimamente ligados aos do método de caso individual. Com a influência de Samuel Slavson, muito atuante por volta de 1912, o método de Serviço Social de Grupo centra-se no indivíduo e não no grupo como um todo.

Embora o autor supracitado afirme seu compromisso com um Serviço Social de Grupo para a América Latina, ajustado à realidade atual de cada país, a fim de contribuir para a solução de sua problemática social de base, inúmeras vezes defende uma preocupação com o estudo da dinâmica interna dos grupos e a influência desta no comportamento de seus integrantes, sem considerar a estrutura global. Ainda, para o autor, o assistente social de grupo opera com base na teoria psicodinâmica, partindo sempre do conhecimento do indivíduo. "O assistente social de grupo cuida que o problema seja solucionado no programa regular do grupo" e "o grupo é o meio e o contexto de tratamento" (Kisnerman, 1977, pp. 30/47/258).

Exemplificando esse ponto de vista, Kisnerman (1977) cita três níveis que deve conter a atuação do Serviço Social de Grupo no trabalho com menores com problemas de comportamento. Esses níveis são:

- psicoterapêutico, com vistas a melhorar o seu comportamento;
- profissional, para dar-lhes habilitação profissional; e
- educativo, ao propiciar seu retorno à sociedade.

O que nos chama a atenção nessas colocações de Natálio Kisnerman (1977) é a incoerência entre sua proposta de um Serviço Social de Grupo para a América Latina que vise contribuir para a solução de sua problemática social de base, e a colocação que se segue na qual afirma que o assistente social de grupo, com base na teoria psicodinâmica, cuida que os problemas sejam solucionados no programa regular do grupo, sendo esse grupo o contexto de tratamento. Os níveis de atuação acima referidos caracterizam-se sobretudo pelo enfoque do problema de forma isolada, com vistas a corrigir, habilitar e adaptar o indivíduo que apresenta um comportamento disfuncional em relação aos padrões exigidos pela sociedade. O grupo sendo o contexto de tratamento, é aqui tomado como um elemento

isolado que tem o objetivo de corrigir e treinar o indivíduo para uma melhor atuação na sociedade.

Outros autores assumem a mesma perspectiva nesse tema. Para Gisela Konopka (1972), "cada grupo é único e deve ser tratado como uma entidade única", e o Serviço Social de Grupo é um método de prestação de serviços a pessoas, através de experiências em grupo. O desenvolvimento da pessoa, de seu potencial individual, a melhoria dos seus relacionamentos, de sua capacidade de funcionamento social e ação social são reconhecidamente objetivos do método de Serviço Social de Grupo, e uma das características básicas do método de Serviço Social de Grupo é a individualização do grupo. Para a referida autora, mesmo nos grupos orientados para a ação social, o enfoque é centrado nas pessoas que necessitam de ajuda para adquirir eficiência com relação a problemas que não estão necessariamente nos membros do grupo ou no seu relacionamento com terceiros.

Gertrudes Wilson (1961) apresenta-se dentro dessa mesma perspectiva quando diz que o assistente social de grupo, conscientemente, atua sobre o processo de interação, visando ao desenvolvimento pessoal dos membros, pela realização de atividades adequadas.

Os grupos constituem o meio pelo qual:

- os indivíduos alcançam satisfação pessoal e social;
- as normas individuais e sociais são modificadas;
- o controle social é mantido;
- a sociedade evolui em seus costumes, normas e valores.

Ainda para a autora supracitada, a sociedade é entendida não como instituição estática, mas como relação entre indivíduos e aí a responsabilidade de cada indivíduo torna-se manifesta.

O campo de ação considerado pela autora é sempre o indivíduo e o grupo. A contribuição mais importante que o grupo dá ao indivíduo é a oportunidade de aprender o modo de agir dentro da estrutura do grupo e o significado da realização do indivíduo depende da realização do grupo como um todo. O assistente social de grupo auxilia os membros a se realizarem, ajudando os grupos a se tornarem, no âmbito de seus interesses, parte das forças sociais dentro da comunidade. Os grupos têm por vezes problemas iguais aos de outros grupos da

comunidade ou do seu país em geral. O assistente social de grupo auxilia os membros a tomarem consciência da relação destes problemas com os demais e a se unirem para estudo e solução em comum.

O Documento de Araxá (1967) sugere que a aplicação do Serviço Social de Grupo a várias realidades implica na terminação de objetivos específicos, de acordo com o meio onde se vai atuar. Esta aplicação exige identificação e reconhecimento das realidades visadas e de suas características específicas. Supõe o reconhecimento dos obstáculos e limitações da natureza cultural, social, psicológica e econômica e reconhecível, exigindo uma adequação a cada realidade. Deve ser feita referência à importância da realidade. Embora qual se vai atuar, o Documento de Araxá considera a realidade do Serviço Social de Grupo: "qualquer pessoa, a partir de 7 anos de idade e condição sócio-econômica; pessoas socialmente desajustadas ou com dificuldades de relacionamento".

O estudo desse tema nos permitiu verificar que o grupo é considerado como um sistema formal, desvinculado da realidade. Não foi encontrada nos autores qualquer preocupação em estudar as causas dos problemas das pessoas que procuram o profissional, como por exemplo estudar um comportamento que se considera desviante ou disfuncional em relação à estrutura global da sociedade. Os objetivos do Serviço Social de Grupo, conforme tem sido demonstrado neste trabalho, são voltados à pessoa que apresenta o problema ou dificuldade, problema esse que é tratado e considerado apenas como efeito ou sintoma. O que importa é aquela pessoa que, naquele momento, tem determinada necessidade, a qual o Serviço Social procura satisfazer dentro do grupo.

Renée Dupont (1969) entretanto, apresenta uma posição que não se caracteriza por situar o elemento de análise como parte de uma estrutura histórica. Em alguns momentos a autora parece romper com a visão tradicional do Serviço Social de Grupo, tentando situá-lo numa perspectiva de transformação, porém esta perspectiva não é claramente elaborada pela autora, o que deixa dúvidas quanto à sua posição. Em nenhum momento ela define o grupo formalmente como um sistema social, porém, como se observa na distribuição dos temas, ela aparece com enfoque funcionalista em todos eles, o que foi ilustrado com as suas citações.

Clara, contudo, é a sua proposta de considerar o contexto total no qual está inserida a clientela do Serviço Social, que geralmente é vítima de problemas, na obra imensa que terá de enfrentar. Frente a este ponto de partida ser as necessidades básicas. Creemos que o Serviço Social dinâmica com o problema e desenvolver o Serviço Social em relação total".

Sua proposta não se caracteriza pois como um enfoque empírico em relação à teoria do Serviço Social de Grupo, pois as variedades culturais dos diversos contextos históricos é que determinariam o tipo do Serviço Social de Grupo necessário e eficaz.

3.4. FUNÇÕES MANIFESTAS E LATENTES

Nesse tema IV trata da função como relação parte/todo. Nesse tema IV será considerado apenas o item 2 desse tema por ser o que contém a posição funcional e não-funcional, permitindo assim o estudo comparado entre os mesmos.

O item 2 do tema IV prevê que os fenômenos sejam expressos assim o estudo comparado entre os mesmos. O item 2 do tema IV prevê que os fenômenos sejam expressos assim o estudo comparado entre os mesmos. O item 2 do tema IV prevê que os fenômenos sejam expressos assim o estudo comparado entre os mesmos.

Foi evidenciado na Parte I que a análise funcional predeterminados historicamente. Foi evidenciado na Parte I que a análise funcional predeterminados historicamente. Foi evidenciado na Parte I que a análise funcional predeterminados historicamente.

Verifica-se a ausência da posição não-funcional nas formulações dos autores em relação ao conteúdo do tema IV.2, o que vem demonstrar que, para os autores analisados, os fenômenos não são determinados historicamente.

A análise interna desse tema nos revela que os autores que escrevem sobre Serviço Social de Grupo atribuem prioridade ao nível do manifesto, isto é, fenômenos aparentes que surgem nos grupos a partir dos programas de atividade, tais como: criação, curso, técnicas de discussão, de liderança, de participação. Entretanto alguns autores demonstram também preocupação ao nível do latente. Renée Dupont (1969) alerta

QUADRO VIII
ANÁLISE INTERNA DO TEMA IV.2
POSIÇÃO POR TEMA E TIPO DE PUBLICAÇÃO

LIVROS											
AUTORES POSICOES	N. K.	R. D.	A. K.	H. N.	G. K.	Z. T.	G. W.	S. B.	TOTAL		
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
FUNCIO- NAL	3 100	11 100	1 100	20 100	12 100	—	8 100	—	55 100		
NÃO FUNCIO- NAL	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
TOTAL	3 100	11 100	1 100	20 100	12 100	—	8 100	—	55 100		

PERIÓDICOS																					
AUTORES POSIÇÕES	E.	T.	C.	G.	W.	S.	E.	M.	L.	P.	A.	B.	D.	A.	E.	G.	M.	D.	S.	B.	TOTAL
	%				%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
FUNCIO- NAL																					
NÃO FUNCIO- NAL																					
TOTAL																					

que é preciso ter em conta que, em todo grupo, se dão desejos manifestos e latentes, porque a ordem de motivações envolve sem dúvida os dois níveis. É função do assistente social capacitar-se para atender cuidadosamente às motivações latentes do grupo e não apenas limitar-se ao plano das necessidades e interesses manifestos. Em todo grupo humano existem expectativas e cooperação que significam dar e receber afeto, sentir-se seguro, reconhecido e útil. À medida em que estas motivações latentes vão aflorando em um grupo a riqueza de possibilidades de atuação aumentará, tendo como resultado o amadurecimento, o desenvolvimento de potencialidades, a obtenção de habilidades e a contribuição para melhorar as relações sociais.

Gisela Konopka (1973) se preocupa com fenômenos latentes ao definir-se numa fundamentação psicanalítica e terapêutica para o Serviço Social de Grupo. Apresenta alguns conceitos importantes que ajudam a compreender a dinâmica individual e que são amplamente usados no Serviço Social:

- a aceitação da existência da motivação inconsciente e pré-consciente;
- importância das experiências na infância no desenvolvimento da personalidade;
- a capacidade do ser humano de agir de modo consciente e racional.

A autora coloca, ainda, na comunicação não-verbal um dos principais meios de ajuda de que dispõe o assistente social de grupo para conhecer as motivações latentes no indivíduo membro do grupo. A comunicação não-verbal, feita através das atividades recreativas, jogos e experiências, permite a manifestação de sentimentos, desejos, o que, em determinadas situações, não se consegue por meio de entrevistas.

Helen Northen (1971) esclarece que os desejos e necessidades que os membros trazem para o grupo se reúnem por meio da interação social e se transformam em finalidades do grupo. Acrescenta que estes desejos e necessidades podem ser manifestos e conscientes para os membros, mas que, muitas vezes, estes têm necessidades e finalidades não confessadas. Daí a necessidade do assistente social ajudar os membros do grupo a manifestarem seus objetivos individuais, para que se encontre concordância entre os objetivos particulares e os objetivos ou finalidades do grupo.

Gertrudes Wilson (1961) fala do interesse implícito nos membros do grupo, dizendo que muitos interesses são mais subentendidos ou insinuados do que expressos diretamente por palavras. Daí porque as palavras podem não ser pronunciadas, mas as ações indicam necessidades, mesmo quando as palavras as desmentem. No entanto, estas suposições e deduções devem ser confirmadas à luz do conhecimento da dinâmica do comportamento individual. É importante que o assistente social compreenda o que se esconde por trás dos interesses expressos, o que pode ser feito mediante a realização de atividades grupais.

Do exposto, conclui-se que, mesmo quando o assistente social de grupo lida com fenômenos latentes, esses são tratados a nível das relações pessoais entre os membros do grupo tais como coesão e unidade grupal, significações psicológicas, etc., não havendo relação entre o aparecimento desses fenômenos como as determinações estruturais e históricas da sociedade.

3.5. SATISFAÇÃO DE NECESSIDADES COMO MEIO DE EQUILÍBRIO ENTRE SISTEMAS

O tema V trata dos pré-requisitos funcionais que constituem necessidades para o funcionamento do sistema. Para o funcionalismo, um sistema funciona adequadamente se a necessidade (n) é satisfeita. Como foi visto na Parte I, a necessidade é satisfeita por um item (i) recorrente, que, tendo uma função positiva, contribui para a manutenção do equilíbrio do sistema.

Neste tema, a posição funcional contém a idéia de pré-requisitos funcionais, funções vitais, variáveis de estado. Na posição não-funcional, a necessidade é vista como determinação estrutural e histórica.

O Quadro IX (p. 79) nos mostra que este tema é tratado pelos autores apenas na posição funcional.

A formulação dos autores nessa posição aparece sobretudo como tendência do Serviço Social para utilizar o grupo para a satisfação das necessidades individuais e conseqüentemente a satisfação das necessidades da sociedade à qual o indivíduo pertence ou na qual o grupo se acha inserido. Entretanto, essa interrelação entre a satisfação das necessidades do cliente com a dos sistemas nos quais este cliente esteja inte-

QUADRO IX
ANALISE INTERNA DO TEMA V
POSICAO POR TEMA E TIPO DE PUBLICACAO

POSICAO		LIVROS								
AUTORES POSICOES		N. K.	R. D.	A. K.	H. N.	G. K.	Z. T.	G. W.	S. B.	TOTAL
		%	%	%	%	%	%	%	%	%
FUNCIO- NAL		42 100	20 100	25 100	46 100	33 100	15 100	24 100	2 100	207 100
NÃO FUNCIO- NAL		---	---	---	---	---	---	---	---	---
TOTAL		42 100	20 100	25 100	46 100	33 100	15 100	24 100	2 100	207 100

		PERIÓDICOS									
AUTORES POSICOES		E. T.	C. G.	W. S.	E. M.	L. P.	A. B.	D. A.	E. G.	M. D.	TOTAL
		%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
FUNCIO- NAL		---	---	3 100	1 100	1 100	---	3 100	1 100	---	9 100
NÃO FUNCIO- NAL		---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
TOTAL		---	---	3 100	1 100	1 100	---	3 100	1 100	---	9 100

ragindo não chega a ser elaborada de forma explícita por todos os autores analisados.

Essa perspectiva aparece de forma mais clara em William Schwartz. Para o autor "há, no grupo, um conjunto complexo de necessidades individuais, o sentido da necessidade individual interagindo com o dos outros. O assistente social deve procurar, em primeiro lugar, os pontos comuns entre as necessidades dos clientes e as dos sistemas com as quais deverão entrar em contato" (Schwartz, 1976, p. 37). É importante lembrar que para o autor citado, o cliente é um sistema que está constantemente interagindo com outros sistemas. O assistente social sendo o mediador entre sistemas deverá preocupar-se não apenas com a satisfação das necessidades do cliente mas dos sistemas com os quais estes clientes estejam interagindo e nesta interrelação é que se consegue o equilíbrio entre sistemas.

Para Helen Northen (1971, p. 67), "o que o Assistente Social focaliza são as necessidades do cliente". A finalidade inicial de um grupo surge do reconhecimento de certas necessidades recorrentes das pessoas que estão dentro da Jurisdição da Agência — necessidades que podem ser resolvidas através de um grupo. Embora a autora se revele preocupada com a satisfação das necessidades do cliente, declara que os propósitos do Serviço Social relacionados diretamente a seus principais valores básicos são de melhorar a interação entre o homem e seu meio ambiente. Com esse objetivo, o assistente social dirige os seus esforços para a melhoria do funcionamento psicossocial dos indivíduos, das instituições sociais e das condições ambientais. O importante a salientar nessa colocação da autora é a dupla preocupação atribuída ao assistente social, com a auto-realização do indivíduo e com a melhoria da sociedade da qual ambos fazem parte. Nesse sentido, a satisfação das necessidades dos sistemas com os quais está interagindo. Desta interrelação, surge o equilíbrio entre sistemas ou entre sistemas e subsistemas.

Essa mesma perspectiva pode ser observada na seguinte afirmação de Gisela Konopka (1972, p. 127): "devemos lembrar-nos de que o objetivo geral do Serviço Social de Grupo é ajudar às necessidades básicas dos indivíduos para que se tornem importantes e para que participem e ajudar à necessidade básica da sociedade humana total expressa nos pequenos grupos — para interdependência".

Também para Renée Dupont (1969, p. 89): "o ponto de partida para o Serviço Social deverá ser as necessidades básicas do homem em relação dinâmica com o meio social".

O Documento de Araxá (1967) define que o objetivo do Serviço Social de Grupo é, em última análise, capacitar os membros do grupo a uma efetiva participação no processo social. Como base de referência para esta participação, considera-se que o contexto do grupo representa uma resposta às necessidades psicossociais da pessoa humana, que a vivência em grupo responde a estas necessidades e que o próprio grupo é um instrumento de atuação na comunidade na qual se acha inserido. As funções do Serviço Social de Grupo respondem a dois principais tipos de necessidade: as dos próprios participantes do grupo porquanto as experiências de grupo atendem às necessidades individuais de pertencer e de auto-afirmar-se e as necessidades da sociedade na qual o grupo se acha inserido, visto que as experiências de grupo desenvolvem o espírito de cooperação mútua.

Concluindo este capítulo, constatamos na análise interna de cada tema a predominância em termos qualitativos e quantitativos da posição funcional assumida pelos autores de Serviço Social de Grupo. No próximo capítulo, tratamos de identificar como essa posição funcional aparece na formulação dos autores nos quatro temas que apresentam maior frequência na temática geral da análise.